

ATRAVESSANDO O SÉCULO XXI: DO CRISTIANISMO À ERA DAS MÁQUINAS ESPIRITUAIS

ANDRÉ DANTAS

Artigos



Resumo

Esse artigo tem como objetivo mostrar, a partir do simbolismo da era de peixes, como a mentalidade materialista moderna se estruturou a partir de uma enantiodromia da metafísica cristã, enantiodromia essa que porta em seu núcleo as sementes daquilo que negou. O idealismo negado pelo materialismo moderno retorna, então, no núcleo daquilo que o nega, no sensacionalismo imagético que nos prende cada vez mais às telas. A realidade tecno-imaginada é purificada das suas imperfeições mundanas e destilada em uma imagem virtual que a reapresenta em uma versão ideal. A idealização aparece no processo de intensificação da sensorialidade da imagem que higieniza suas imperfeições e assimetrias. A tecno-imagem possui uma forma publicitária que funciona como uma fôrma vazia, uma que atua idealizando o conteúdo mostrando-o não como ele é e sim como ele deveria ser, sua imagem ideal.

Palavras-chaves: Era de Peixes, Cristianismo, Materialismo, Tecno-Imagem.

Para fazer a travessia por um século que, antes de completar seu primeiro quartel, trouxe tantas mudanças e catástrofes, seria prudente ter nas mãos um mapa. Claro que um literal seria impossível, visto que boa parte do que iremos atravessar não foi ainda percorrido, logo, não mapeado. Mas um mapa simbólico seria psicologicamente útil ao delinear as fantasias de futuro presentes como sementes, em tempos remotos. Em seu livro *Aion*, Jung nos apresenta esse mapa ao se debruçar sobre a imagem arquetípica de Peixes que impulsiona o espírito do nosso tempo. Nessa imagem, vemos dois peixes nadando em direções opostas e ligados entre si por um fio de prata. Um peixe nada ascendentemente e o outro descendentemente. Jung vê nessa duplicidade a ligação intrínseca entre a forma espiritual da consciência medieval e a forma material da consciência moderna. Existencialmente, as formas de consciência espiritual e material moldaram, respectivamente, a primeira e a segunda metade da era de peixes. No primeiro milênio do éon cristão, a existência divina tornou-se a questão central. O prato da balança cristã pendeu para o espírito e todas as qualidades pertencentes a ele tiveram um peso

bem maior na articulação da cultura, enquanto o segundo milênio marca a virada materialista do peixe descendente.

O ideal de espiritualização que aspira às alturas deveria ser contrariado pela paixão materialista, presa unicamente às coisas da terra e ocupada em dominar a matéria e conquistar o mundo. Esta transformação tornou-se manifesta na época do “Renascimento”. Este termo significa “novo nascimento” e foi usado para indicar o revivescimento da Antiguidade clássica. Sabe-se hoje, no entanto, que este espírito era, no fundo, uma máscara e não foi a concepção da Antiguidade clássica que renasceu; foi o pensamento cristão da Idade Média que se transformou, adotando estranhas formas de comportamento pagão, trocando o destino celeste por um destino terreno e passando, deste modo, da linha vertical do estilo “gótico” para a linha horizontal da descoberta do mundo e da natureza. A evolução posterior que desembocou na Revolução Francesa e no Iluminismo produziu um estado amplamente difundido em nossos dias, que não podemos qualificar senão de anticristão, e, conseqüentemente, realizou a antecipação cristã primitiva da “era final”. É como se, com o advento de Cristo, se tivessem manifestado antinomias anteriormente latentes, ou como se um pêndulo tivesse oscilado potentemente mais para um dos lados, e a partir de então o movimento complementar impelisse também para o lado oposto. Árvore nenhuma, sabemos, cresce em direção ao céu, se suas raízes também não se estenderem até o inferno. O duplo movimento é inerente à natureza do pêndulo (JUNG, OC, vol. IX/2, §78).

Como a travessia proposta aqui é psicológica e não astrológica, não vem ao caso em que ano específico entramos e em qual ano exato sairemos do signo de peixes. Psicologia é o logos da psique e não dos astros, de forma que a narrativa não é sobre o signo e sim sobre o *símbolo* de peixes, sobre a forma através da qual a psique se autorregula em seu duplo nado. O referente objetivo do signo de peixes não é o tempo quantitativo, e sim o tempo psicologicamente qualificado. A partir dessa qualidade psicológica do tempo, podemos imaginar a travessia pelo século XXI dando primeiro um passo para trás, rememorando o passado para compreender melhor o presente e, partindo disso, dando dois passos para frente na tentativa especulativa de imaginar o futuro a partir das fantasias presentes que outrora temos sobre ele.

A manifestação arquetípica atuante na gênese da era de peixes é a do logos. Não esqueçamos que o logos é uma das faces do arquétipo do animus, assim como o espírito, e que esse arquétipo inicia essa era, porque ele opõe ontologicamente o peixe espiritual ao material. Na era de peixes, o animus assume a forma de um logos que rompe o eros que o unia à natureza. No politeísmo, o arquétipo do eros une o espírito e a matéria, sobrepondo-se à oposição lógica, de modo que as imagens míticas são intelectuais em si mesmas por serem expressões da unidade na diferença entre a *esse in intellectu* e *esse in re*. A participação mística com a natureza faz com que não haja uma dissociação entre a cabeça e o corpo, e assim, as imagens sensoriais são animadas por pensamentos implícitos.

A oposição ontológica entre espírito e matéria nas culturas monoteístas regidas pelo logos, levou a uma maior separação entre essência e aparência e, assim, a uma dissociação entre os sentidos e o intelecto, com o consequente rebaixamento ontológico do primeiro em nome do segundo. O espiritual foi enfatizado pela consciência fazendo com que a essência se tornasse ontologicamente real e a aparência, uma mera ilusão sensorial. O que estamos vivendo na modernidade é uma enantiodromia na qual o corpo, a aparência, o *esse in re* retornam obsediando a consciência com a mesma intensidade com a qual foram negados. A modernidade é uma enantiodromia da metafísica cristã, é a era do anticristo.

O fio de prata da pomba do espírito santo, que conecta o espiritual ao material era, antes da era de peixes, uma esfera anímica que unia os opostos dentro de si. *Esse in intellecto* e *esse in re* estavam contidos no *esse in anima*. Como no círculo do Tao, o contínuo fluxo de passagem do Yang no Yin explicita que, ontologicamente, a oposição entre os dois é secundária em relação à união e que, por isso, eros está em primeiro plano em relação ao logos, de modo que o mundo não é feito de partes extra partes que, por definição, são separadas umas das outras. Tudo é uno com o Tao, tudo é parte do grande caminho da natureza.

No politeísmo, há uma oposição lógica entre espírito e natureza, mas sobre ela predomina a complementaridade “erótica”, de modo que a oposição fica ao fundo de uma ontologia unitária. A mitologia é politeísta porque é organizada por uma unidade ontológica na qual o espiritual aparece nos mais diferentes fenômenos naturais. Essa personificação do espiritual em uma imagem natural é o que constitui uma mito-imagem. Os deuses politeístas não são criadores transcendentais, mas aspectos “sutis” do próprio mundo e, por isso, exibem suas qualidades sobrenaturais através da própria natureza. Na fertilidade trazida pela chuva, no calor irradiado pelo sol, no poder destrutivo de um vulcão, uma mito-imagem irradia numinosidade.

Por outro lado, o deus monoteísta, olha a natureza de fora como uma ferramenta criada por ele para demonstrar o seu poder. Separando-se radicalmente da natureza, o espiritual adquiriu a possibilidade de ser um deus único e universal. Enquanto permanecia unido à natureza, o espírito brilhava nos fenômenos, de modo que cada fenômeno natural irradiava uma mito-imagem específica através das suas qualidades particulares.

O deus hebreu é o deus do logos, da palavra cuja narrativa mantém a coesão deles enquanto povo. Essa religião monoteísta trouxe o logos para a consciência com sua ênfase na palavra e a consequente relação iconoclasta com as mito-imagens naturais de outras divindades. A caminhada pelo deserto em direção à terra santa personifica o estado de ser da consciência lógica, uma consciência

cujas afirmação nega o natural que se torna, assim, deserto de vida. A espada que destrói o bezerro de ouro no deserto é a personificação do corte entre o espiritual e o sensorial. O bezerro de ouro é a personificação do espiritual irradiando no natural, é uma expressão da numinosidade da natureza, do valor que ela tem para a consciência e, portanto, é uma representação do passado hebreu, do tempo em que os hebreus tinham uma terra. No momento em que se tornam o povo em busca de uma terra prometida, cuja localização real não é nem na terra mas no céu, eles não podem mais confiar na natureza enraizada, precisam confiar na palavra que mantém o povo unido, mesmo sem um solo natural que lhes sirva de referência. Enquanto expressão da terra natural que precisava ser deixada para trás em nome do espiritual, o bezerro de ouro precisava ser negado em nome da afirmação do logos escrito nas tábuas de pedra. Os hebreus são nômades espirituais, porque o espírito é o que tira o lugar natural do humano.

Mas esse *opus contra naturam* não estaria completo enquanto o deus universal fosse o deus particular de um povo específico, cujos membros ligavam-se entre si por laços naturais de consanguinidade, e cuja descendência se dava pela linhagem materna. Para ser realmente universal, deus não podia ser exclusivamente judeu, e o cristianismo impulsionou ainda mais longe sua contranaturalidade.

A maior separação entre deus e a natureza fez com que o cristianismo deixasse de ser um culto transmitido pela linhagem familiar, tornando-se capaz de abranger todas as culturas e, precisamente por isso, um culto por demais abstrato. O cristianismo aspirava a universalidade, a religião não de um povo específico, mas de todos os indivíduos com o verdadeiro universal. Por isso, ele precisou cortar os laços sanguíneos diferenciando-se das religiões fundamentadas em parentescos. Essa separação cristã da união dos laços sanguíneos foi compensada pelo furor expansionista de conversão de outros povos. Cultos baseados em laços sanguíneos, como era o caso do monoteísmo judaico, não eram, no mundo antigo, impulsionados por esse furor conversivo que concretizava a universalidade abstrata do cristianismo. Para as culturas antigas, o importante ao vencer uma guerra era pilhar as riquezas do inimigo, capturar escravos para o trabalho braçal, forçar a cultura vencida a pagar tributos ao longo do tempo e contar com a ajuda dos seus exércitos em batalhas contra inimigos comuns. Para as culturas cristãs, isso não era suficiente, sendo necessário, também, a conquista da alma dos vencidos, a conversão ao “verdadeiro” deus.

Expelido da natureza animada, deus precisava submetê-la à sua suprema vontade que, para ser suprema, não podia ser limitada por nenhuma teleologia intrínseca, mesmo que fosse uma criada por ele no início dos tempos. Desanimada, a natureza se tornou capaz de ser manipulada à vontade por um Criador cuja razão era

instrumental, pois usava as entidades naturais como instrumentos para a realização dos seus objetivos. Uma natureza desencantada passa a existir a partir da noção de um deus que a olha de fora, que a trata como um instrumento neutro, que a maneja como uma ferramenta sujeita a sua vontade.

Ao focar sua consciência nessa imagem de deus, ao meditar sobre ela, ao se concentrar nela como um ideal a ser seguido, o homem lentamente desenvolveu sua capacidade abstrativa, separando-se da natureza para olhá-la de fora como uma *res extensa*, como um agregado de partes extra partes sem nenhuma forma arquetípica intrínseca. Assim como o sagrado se unificou na forma de um deus único ao ser exteriorizado da natureza, a mente se unificou ao se exteriorizar da natureza objetivando-a. E como não havia mais nada de espiritual na natureza, ela podia ser vista como uma ferramenta por um homem que também não possuía mais nenhuma forma arquetípica que lhe servisse de causa final. Seus propósitos estavam a serviço de uma vontade potencialmente tão livre quanto a do seu criador. O deus monoteísta tornou-se o arquétipo do ego moderno que estava surgindo.

Na *Oração à Dignidade do Homem*, escrita pelo filósofo renascentista Pico della Mirandola em 1487, testemunhamos o deus cristão encarnando no homem moderno.

Nem uma morada fixa, nem uma forma que seja apenas tua, nem qualquer função peculiar, Dei a ti, Adão, para que segundo o teu desejo e de acordo com o teu julgamento possas ter e possuir a morada, a forma, as funções que tu mesmo quiseses. A natureza de todos os outros seres é limitada e restringida pelos limites das leis prescritas por Mim. Tu, que não é restringido por nenhum limite, de acordo com o teu próprio livre-arbítrio, em cuja mão, Eu te coloquei, deves ordenar para ti os limites de tua natureza. Eu te coloquei no centro do mundo para que possas daqui observar mais facilmente tudo quanto acontece. Não te fiz do céu nem da terra, nem mortal nem imortal, para que com liberdade de escolha e com honra, como se fosses o criador e modelador de ti mesmo, possas moldar-te na forma que preferires (MIRANDOLA *apud* TAYLOR, 2005, p. 260).

O homem, a última das criações divinas, era também a cereja no topo do bolo da criação, pois, diferentemente das outras criaturas, não tinha nenhuma forma arquetípica que lhe servisse de modelo. Nenhum arquétipo o governava *a priori*, pois ele havia sido criado à imagem e semelhança do seu Criador. O seu modelo era o próprio Ser livre de qualquer constrangimento arquetípico e sua vontade mimetizava a vontade onipotente do seu Criador. Isso o torna capaz de recriar a si próprio, de se tornar o que quer que sua vontade deseje. A vontade racional humana é uma dádiva divina que permite ao homem se recriar escolhendo sua própria natureza.

Aqui é o momento da travessia onde retorno para tentar compreender o presente a partir do passado e me arrisco a apontar

o que hoje se constitui como uma *efetiva* oração à dignidade desse humano capaz de recriar sua própria natureza. Friso aqui o termo “efetiva”, porque se trata de uma oração ritualizada, de uma que é concretamente atuada pelas pessoas em geral, assim como era o ritual de oração medieval. Mas antes lembro a todos que, no presente, a consciência espiritual inverteu-se em uma consciência material. Quanto maior a altura atingida por deus, maior a sua queda e o deus cristão, ao atingir a mais alta transcendência, despençou na mais mundana imanência. Como estamos atravessando a era do peixe descendente, essa oração é efetiva porque, na verdade, é uma *antioração*, é a antiprece da *selfie*.

A *selfie* é a celebração do valor máximo da individualidade, é uma antiprece, uma prece invertida na qual o indivíduo não pede algo para o universal, para deus, mas pede reconhecimento para outros indivíduos. Se na prece o indivíduo pede algo a deus louvando sua majestade, na *selfie* o indivíduo pede curtida dos outros de maneira que, através dos corações dos outros, o indivíduo narcisicamente louva a si mesmo, como deus ama a si mesmo através do amor de suas criaturas. A *selfie* é o ritual de culto ao ego hipermoderno, a exibição de sua majestade que, paradoxalmente, se sustenta em um coletivismo.

Na *selfie*, o que é aparentemente cultuado é a imagem singular do próprio rosto, a materialidade do rosto ao invés da idealidade de um deus universal. Mas a materialidade do rosto singular celebrada é a de um corpo idealizado, moldado por um ideal coletivo, por uma fôrma abstrata que existe *a priori*. Na *selfie*, o rosto, aquilo que se tem de mais individual, é filtrado através de fôrmas virtuais que o estetizam segundo padrões coletivos para ser ecoado pelos seguidores. Espetacularizado segundo a ideia de belo, o rosto perde sua materialidade por meio das tecno-imagens, abstraindo-se, assim, da individualidade que o concretiza. A numinosidade do individualismo que o faz ser cultuado nas *selfies* ocorre porque o individualismo é esteticamente idealizado segundo critérios coletivos, fazendo da sua tecno-imagem a expressão da tensão atual entre o individual e o coletivo, o material e o ideal. É o ideal retornando sintomaticamente no núcleo daquilo que o nega, na materialidade corporal que é “photoshopada” ao ser tecno-imaginada.

A consciência atual é capaz de ver o material oculto no ideal espiritual, vendo, p.ex., no ser espiritual superior uma cópia da autoridade patriarcal secular, uma autoridade que precisa ser comprada com dízimos e adulada com orações que lhes suplicam favores. Mas a consciência atual, devido ao paradigma materialista que a estrutura, costuma ser cega para o idealismo oculto no seu núcleo mundano. Se olharmos através do mundo virtual atual, “vemos” o espiritual idealizando ocultamente o material, pois tudo que é importante, interessante é postado, e essa postagem é convertida em ondas

energéticas que circulam pelo ar. Isso mostra o quanto a vida vivida materialmente na terra é modelada por luz imaterial.

Na linguagem da tradição esotérica, podemos dizer que a matéria aqui obteve o status de “corpo sutil”. Foi alquimicamente refinada, sublimada. Neste sentido, o que é a digitalização senão um total desmembramento, uma pulverização do “corpo”? A mídia eletrônica e, mais ainda, as transmissões completamente sem fio através de raios infravermelhos ou via satélite, movendo-se à velocidade da luz, são a forma na qual a realidade material mais se aproxima da mente ou do espírito. De acordo com Schelling, a luz é o ideal ou o espiritual na natureza, um análogo à mente no mundo extenso. É algo intelectual, mas algo posto objetivamente. É ideal e material ao mesmo tempo. A mente ou intelecto não precisa ser subjetivo, não precisa ocorrer exclusivamente como uma atividade mental humana. Com esta ideia em mente, estamos em posição para entender, na sua natureza contraditória, o movimento externalizante que observamos. Ao despir-se a si mesma (no sentido de kenosis, um “esvaziamento”, Phil. 2:70) daquilo que costumava ser uma propriedade sua inalienável e afundar-se na realidade material da eletrônica, a mente se liberta da sua dependência da nossa subjetividade personalística e entra num estado de existência objetiva e “autônoma” independente de nós. Mas essa materialização não significa que ela perdeu o caráter de mente. Pelo contrário, através deste influxo da mente, a matéria foi reciprocamente sublimada, vaporizada, destilada e, assim, espiritualizada a um grau mais alto. Desse modo, a mente e a matéria intercambiam suas naturezas. A mente adquiriu a existência objetiva e independente da matéria e a matéria adquiriu a sutileza e invisibilidade da mente. É um movimento duplo: a encarnação do logos (“a Palavra tornou-se carne”) e a logificação da matéria (GIEGERICH, 2007, p. 318).

O fio de prata que liga o peixe espiritual ao material é também um canal no qual cada um nada para mergulhar no outro. E rastreando essa fluidez pisciana conseguimos mergulhar na “*deep web*”, nas profundezas sombrias da *net*, na idealização da essência espiritualizando a aparência, desmaterializando-a nas telas em pixels de luz.

O movimento de escape do terreno para se tornar luz acontece no fundo das aparências narcísicas que circulam nas redes. As imagens dos corpos postados nas redes são luzes intangíveis, corpos virtuais idealizados. E para se virtualizar, para permear o ar, um ascetismo é necessário. É preciso ter um corpo *fitness*, é preciso “performar” para ser interessante. O corpo é virtualizado pela ideia de belo e eficiente que, por sua vez, é encarnada no corpo material que é modelado cirurgicamente a partir da simulação desse ideal.

No que se convencionou chamar de “passagem do mito para o logos” na Grécia antiga, podemos ver a consciência lógica rompendo o vínculo “erótico” com a natureza por meio do discurso filosófico, principalmente o platônico. Na filosofia platônica, o espiritual não é mais o brilho irradiado pelos fenômenos naturais, mas uma luz que está em um lugar que transcende as aparências. Essa luz, representada pelo sol, é a ideia mais perfeita e por isso a mais bela,

o Bem. Para Platão, a Ideia das Ideias, a Ideia hierarquicamente mais alta é a Ideia do Bem, que é também a ideia do Belo, pois o Bem é a mais Bela de todas as Ideias, de modo que a forma ideal de algo é a perfeição desse algo ao qual tentamos em vão copiar no mundo profano. A Ideia de cada coisa é o seu bem, sua beleza, sua perfeição, e a própria Ideia de Bem exhibe a bela perfeição racional do todo. Na sociedade profana moderna, a bondade no sentido moral metafísico se materializou como eficiência. Bom é algo eficiente. Um bom carro, p.ex., é um carro eficiente, um carro que exerce bem suas atividades. A bondade de algo se tornou a sua eficiência, a perfeição da sua performance, logo a atividade que expõe a bondade não é mais religiosa ou metafísico-filosófica, mas publicitária.

A imagem publicitária nasceu da morte do platonismo, da afirmação desse mundo profano como primário em relação ao mundo ideal das formas platônicas. A publicidade é fruto da perspectiva sofista na qual o ser humano é a medida de todas as coisas e a verdade é definida por práticas discursivas podendo, assim, ser moldada retoricamente. Mas o platonismo negado retorna no núcleo daquilo que o nega, retorna fazendo com que a retórica criada para persuadir o consumidor se baseie na criação de duplos ideais da mercadoria anunciada. A publicidade se tornou o meio através do qual algo é comunicado eficientemente, eficiência essa atingida por meio da espetacularização, da estetização e inflação performativa que seduzirão ao máximo a atenção.

É menos o conteúdo da publicidade que influencia a mente das pessoas e mais a forma através da qual esse conteúdo é mostrado, a forma publicitária de lidar com todo e qualquer conteúdo, a técnica que instrumentaliza o conteúdo para que ele apareça ao máximo em sua estética e performance. Se a questão fosse o conteúdo, bastaria fazer a propaganda “certa”, divulgar ações humanitárias, ecológicas e politicamente corretas para vivermos em um mundo melhor.

A publicidade é numinosa não pelo que mostra e sim pelo puro ato de mostrar espetacular. Ela é o sintoma da inversão do espiritual no material, da essência na aparência. Ela é o culto da aparência pela aparência, da imagem sem nenhum conteúdo substancial, sem nada essencial. Na internet, toda e qualquer pessoa pode viralizar e se tornar influenciadora digital fazendo as coisas mais esdrúxulas, porque o que importa é sua encenação espetacular e não o conteúdo.

Essa aparência que não mostra nada de substancial, que não é o aparecer de algo específico e sim o aparecer puro e simples, é a aparência em sua mais absoluta essencialidade, e nessa essencialidade do puro aparecer vemos o retorno da essência abstraindo a aparência da sua própria “carne”. Na aparência moderna, a essência negada retorna fazendo com que aquilo que aparece não apareça por si, mas apareça segundo a ideia de “belo” e “bom” que, na metafísica,

moldava a matéria informe e, na publicidade, espetaculariza o material, idealizando-o como mais belo e eficiente que o referencial, de modo tal que a imagem se torna hiper-real, mais real que o real ao fazer o essencial brilhar na superfície, tornando-o, assim, um material idealizado.

Estruturada publicitariamente, a tecno-imagem atual sombreia o corpo material com sua luz virtual, de modo que a matéria do corpo é modelada pelas imagens idealizadas publicitariamente para serem visualizadas ao máximo nas telas. Na compulsão contemporânea por cirurgias plásticas, vemos o idealismo retornando no seu oposto, no núcleo da materialidade imediata do corpo, que é modificada para atender os ideais de beleza exibido nas telas. O corpo da modelo é um modelo ideal de corpo, uma ideia de corpo que nega o corpo material, como vemos na disseminação da anorexia entre aqueles que querem ter o corpo da moda.

Em *O Grande Furo*, Woody Allen diz que, depois de ter se iludido com o judaísmo e o cristianismo, estava tentando agora a religião do narcisismo. E essa religião hipermoderna do narcisismo cultua o corpo, mas não o corpo material com suas celulites, com seus sinais e cicatrizes, suas rugas e cabelos brancos, e sim um corpo idealizado que só existe como ideia mental, o corpo “photoshopado” da modelo que aparece na capa da revista, a imagem do corpo editada por um programa computacional para ser exibida nas redes sociais e que as pessoas sofrem nas academias e nas clínicas de cirurgia para materializar. O que é cultuado na corpolatria hipermoderna é um corpo platônico, é uma imagem bela e eficiente do corpo que os indivíduos se sacrificam para encarnar.

A vida é idealizada para ser curtida pelos outros, pois os indivíduos se percebem por meio dos ecos refletidos nas redes sociais, eles se veem a partir do impacto que suas tecno-imagens têm sobre os outros, medindo suas vidas reais através delas. Os hipermodernos vivem vidas cada vez mais individualistas e, ao mesmo tempo, cada vez mais dependentes da curtida dos outros. Todos se tornaram *paparazzi* de si mesmos, todos querem aparecer, porque a essência do ser é agora a aparência. “Apareço, logo sou”.

Essa dinâmica fisga o narcisismo de todos que querem ser vistos pelos outros. Na mitologia, Narciso foi amaldiçoado com o apego a sua imagem e, por isso, cresceu privado de espelhos por sua mãe. Mas ao sair para caçar, ele acaba por se deparar com sua imagem no lago ao seguir o eco de sua voz repetido pela ninfa Eco que, escondida na floresta, o observava apaixonadamente e repetia suas perguntas quando questionada sobre sua identidade, por ter sido amaldiçoada a repetir o dito dos outros. Essa narrativa personifica a intuição grega de que a imagem que se tem de si depende de como

ela ecoa nos outros. Quanto mais apego se tem à autoimagem, maior a dependência do eco dela nos outros, quanto mais Narciso, mais Eco.

O desejo é o desejo do outro, porque há um aspecto ecoísta no desejo, um aspecto coletivo oculto no desejo singular que faz com que o narcisismo se apoie no ser desejado pelo outro, que faz com que a individualidade dependa do reconhecimento. O desenvolvimento psíquico de uma criança se apoia no modo como os pais à ecoam. Na consciência “erótica” politeísta, esse eco estava em primeiro plano em relação à individualidade, o sobrenome estava sobre o nome, os valores do clã se sobrepunham aos valores individualmente construídos. A modernidade é a inversão dessa relação, é a ênfase da consciência lógica na primeira pessoa do singular.

Mas se quanto mais Narciso, mais Eco, então uma cultura do narcisismo é também uma cultura aprisionada na imagem ecoada pelo outro, uma cultura na qual a coletividade negada retorna no núcleo daquilo que a nega, no olhar narcísico para sua imagem refletida no olhar do outro. Nas *selfies* postadas incessantemente para serem curtidas pelo outro, Narciso contempla sua imagem. É preciso lembrar que o espelho no qual Narciso se enxerga é o espelho d’água, a superfície de um líquido que dissolve a parte no todo. O desejo de reconhecimento da individualidade se inverte no desejo de se coletivizar, porque para ser curtido é preciso agradar os outros, é preciso se moldar ao gosto dos outros.

Tudo o que é interessante é postado, tudo o que é importante é mostrado para ser curtido. O fato de os viajantes passarem menos tempo contemplando o local para onde viajaram e mais tempo de costas para as paisagens e monumentos tirando *selfies* para os outros verem, transparece o quanto o que vida tem de importante é vivido mais para os outros do que para si mesmo. E por meio dessa coletivização o indivíduo hipermoderno é eletrificado, é hiperativado como se precisasse acelerar para atingir a velocidade de escape do mundo terreno se tornando, assim, parte do fluxo tecno-imagético. circulando à velocidade da luz pelo ar que respiramos.

Tecno-imaginada, a matéria se torna cada vez mais estetizada, higienizada, uma matéria bela e boa, livre das imperfeições que caracterizam a própria materialidade. A sensualidade da imagem virtual não é material e sim ideal, filtrada por um programa computacional. A imagem virtual é aquilo que aquele que exibe idealiza em sua mente que ela seja. É o que o conteúdo deveria ser e não o que ele concretamente é.

Essas tecno-imagens são injetadas em nossos olhos através das telas. E a cada dia que passa, nos vemos mais dependentes da estimulação sentida quando essas imagens respondem aos choques dos dedos nas telas. Na tecno-imagem atual, vemos o quão viciados estamos nos estímulos fisiológicos dos nervos. Esse é o aspecto

materialista da existência moderna. Mas para nos excitar, é necessário o engenho de imagens cada vez mais elaboradas em termos de aparência, são necessários programas computacionais que performem e estetizem a imagem, que a modelem segundo o ideal da eficiência e beleza. O ideal oculto brilha sombriamente na intensificação do sensorial hiper-realizando, então, a imagem, tornando-a mais real que o real. A materialidade que nos excita, eletrifica, é ideal, é o brilho do idealismo oculto no materialismo, é o ideal sombreado como a colorida luminescência insubstancial da imagem.

Após essa arqueologia arquetípica do nosso espírito do tempo, é o momento de especular sobre o futuro a partir das fantasias que temos dele no presente. Uma das fantasias importantes está presente em um evento auspicioso para a travessia que nos aguarda ao final do século. Trata-se do implante de sensores nos braços de Kevin e Irena Warwick no ano de 2002. O microchip nos nervos dos braços de um se comunicava com o dispositivo inserido no braço do outro, e essa conexão eletrônica entre sistemas nervosos permitia ao cérebro de cada um receber pulsos quando o outro movia a mão. Quando alguém tocava a mão de Irena, o cientista sentia a mesma sensação na mão dele. Kevin se referiu a isso como uma forma inicial de telepatia via internet, forma essa que será aperfeiçoada ao ponto de poder não só converter os sutis movimentos da bochecha em uma voz computadorizada, como em Stephen Hawking, mas também fazer com que essa fala seja ouvida somente por quem quisermos, pois será transmitida ao próprio cérebro neurochipado do receptor. No futuro, poderemos comunicar cerebralmente nossas sensações e pensamentos uns aos outros.

Hoje já é possível considerar o celular como um tipo de objeto transicional, uma extensão simbólica do nosso mundo interior. Com o tempo os *smartphones* se tornarão óculos, que se tornarão lentes de contato, até se miniaturizarem na forma de microchips implantados em nosso cérebro. Esse é o objetivo dos *neurolinks*, que já estão sendo testados atualmente. Através deles, a sensação física registrada no cérebro de uma pessoa é repetida no cérebro de outra e o objetivo é fazer com que toda a experiência cerebral da humanidade microchipada possa, assim, ser acessada em um holograma virtual 4d, um que simulará não só imagens e sons, mas também sensações. Essa internet 4d simulará toda e qualquer experiência vivida através da ativação do mesmo padrão elétrico nas mesmas redes neurais ativadas na experiência original. É uma simulação em 4D, e não em 3d, porque não se trata apenas de ver e ouvir algo que salta de uma tela, mas de sentir neurologicamente toda a experiência neurológica do outro. É uma simulação material da participação mística com a mente do outro, uma imersão na experiência feita a partir de implantes tecnológicos.

Essa “*brainet*” (Miguel Nicolelis) possibilitará o acesso em tempo real às sensações e experiências vividas por qualquer um. Tanto as que estão acontecendo no momento, quanto as passadas que ficaram gravadas na memória dos servidores espalhados pela terra. Será possível experienciar todas as reações cerebrais que, em algum momento, foram vividas por todos que estão neuroconectados.

Aos nossos olhos pode parecer inimaginável alguém permitir tal invasão de privacidade, mas vemos hoje que cada vez mais as pessoas exibem sua vida privada para quem quiser ver nas redes. Sonhos, desejos, vida familiar, afetiva, sexual, está tudo lá. Até os detalhes mais íntimos são disponibilizados. Se o problema na modernidade, segundo Bauman (ENTREVISTA..., 2011), era a ameaça que a recém conquistada individualidade recebia do totalitarismo de estado, na hipermodernidade a situação se inverteu. Não é a esfera pública que ameaça a privada, não é o indivíduo que tem sua privacidade invadida pelos interesses públicos, mas a esfera pública que é invadida pela privacidade individual. A internet é a realização do *Big Brother* e as pessoas não a temem. Ao contrário, elas querem ser estrelas nem que por míseros quinze minutos. Não importa se as empresas acessam esses conteúdos para obterem informações sobre a vida privada dos seus funcionários ou dos seus clientes em potencial. O que importa é aparecer, estar na superfície onde as coisas acontecem. Todos querem ser vistos.

No futuro, os influenciadores digitais monetizarão suas vidas permitindo que as pessoas acessem seu cérebro imergindo em uma simulação neuronal das experiências passadas e presentes do *influencer*. As vidas serão como filmes que podem ser acessados em uma imersão cerebral de imagens, sons e sensações reativadas neuronalmente. No filme *Estranhos Prazeres*, Ralph Fiennes interpreta um traficante de cds que contém as experiências vividas por outros. Em um dado momento cai em suas mãos um *snuff movie*, um cd contendo o registro da experiência cerebral de um anônimo no momento em que ele estupra e mata mulheres. Esse tipo de material é a droga pesada que circula nos bastidores ocultos dessa civilização tecno-voyerista.

Byung-Chul Han (2017) fala da impossibilidade da religião nos tempos atuais de transparência total, pois religião implica mistério, e esse mistério pressupõe algo que está além do visível ordinário. Mas no olhar satelizado, que circuambula a terra em um vaso eletronicamente selado, vemos como a pornográfica transparência atual curto-circuita com o olhar divino total, como o tecno-voyerismo encarna materialmente a onisciência divina, onisciência essa que se completa com a rede virtual cerebral. Negada pela consciência espiritual, a superfície erótica das imagens explodiu com força total, seduzindo a consciência material atual de forma tal que, enantiodromicamente, o espiritual retorna no núcleo daquilo que o nega, na onipresença

da telepresença, na pornografia das tecno-imagens que almejam quebrar a quarta parede “ressoando carnalmente” (PAASONEN, 2024) na participação masturbatória do espectador na imagem.

A dissolução entre observador e observado, que engaja o corpo material do espectador no devir pornográfico neurolinkado, transparece que o arrebatamento prometido, a união com o Um universal que espiritualizaria nosso corpo como o corpo ressuscitado do Cristo, acontecerá materialmente em uma onda eletro-orgásmica hiperestimulada pela fantasia de transparência total de uma pornografia anímica.

Nessa visão, a consciência é física de um lado, uma rede de neurônios positivamente existente, e metafísica do outro, ao assumir a forma de uma realidade virtual em que tudo que foi experienciado pode ser simulado e compartilhado, uma consciência coletiva sem localização espacial específica, uma consciência onipresente e imortal, encarnada na materialidade que se explicita, então, como uma idealidade. Do outro lado, o espírito é materializado, vivido como eletricidade circulando em uma rede neural que ocupa um lugar específico no cérebro. Mas essas redes neurais materiais são desmaterializadas, no sentido de que a espacialidade que as determina materialmente como uma extensão é convertida em energia, em micro-ondas que viajam à velocidade da luz pelo ar que respiramos.

Essa fusão de máquina e organismo dá luz ao ciborgue e essa imagem do híbrido homem-máquina mostra bem o ideal irradiando na sua sombra material porque ele é a imagem que personifica a própria tecno-imagem. No ciborgue, máquinas externas são interiorizadas no corpo humano e, graças a isso, o pensamento interno passa a ser vivido em uma exterioridade virtual simulada, cuja imersão é cerebralmente estimulada. Se, de um lado, a mente se torna extensão material, do outro, o material torna-se uma extensão mental. Quando a lógica da oposição é levada ao extremo, ela se inverte no seu oposto, dissolvendo os opostos em um *monstrum*, uma conjunção na qual os opostos se perderam um no outro. E o ciborgue é a imagem desse *monstrum* tecno-alquímico.

O termo “ciborgue” apareceu pela primeira vez em um artigo de Manfred Clynes e Nathan Kline em 1960. O termo se referia à integração entre os sistemas cibernéticos com o organismo humano para facilitar a adaptação às adversidades dos ambientes extraterrenos. O corpo do ciborgue é o corpo do astronauta que deixa a existência terrena para trás e ascende celestialmente. No *monstrum* homem-máquina que se desenha em nosso horizonte, não é a existência no planeta terra que é deixada literalmente para trás, mas a vida carnal que é negada em nome de um corpo ideal, um corpo reconstruído tecnologicamente para viver em um planeta que, devido à intensificação do aquecimento global, tornou-se ele mesmo um planeta alienígena

refletindo, assim, o próprio humano que agiu ao longo do éon cristão como um alienígena infiltrado, um anjo encarnado. O ciborgue é o corpo espiritual encarnado na matéria. Nele, a imortalidade deixa de ser algo a ser atingido no mundo espiritual para se tornar material com a troca de pedaços de órgãos de carne por órgãos artificiais e membros de ossos por membros cibernéticos.

A mente coletiva do ciborgue desmaterializa a materialidade individual ao transformá-la em ondas de energia que circulam pelo ar prontas para serem aspiradas e curtidas pela coletividade. A tela que serve de espelho narcísico, hiperindividualizando a consciência de um lado, a hipercoletiviza do outro, ao se fundir com a visão biológica e tornar cada visão individual uma parte de um grande olho insectóide multifacetado. Os neurônios serão elevados aos céus olhando o mundo de fora, via satélite, de forma que o sistema nervoso humano engolirá a terra, imergindo-a em uma tecno-caverna de simulações.

Toda a civilização neurolinkada surfará em oceanos elevados pelo aquecimento global e em ondas eletromagnéticas que tudo irão permear. Essa tecno-colmeia é uma alma do mundo eletromagnética, cujo altar celebra um duplo simulado da vida em 4d, um altar que rompe a quarta parede da tecno-caverna platônica imergindo o tele-espectador na cena por meio da hiperestimulação neural, uma imersão que é a simulação da negação da sensação de distância espacial na qual se baseia a positividade da identidade atual. Chamada de realidade ampliada, essa tecno-imagem é digitalização de toda a sólida materialidade energeticamente vaporizada e reconstruída numa versão tecno-idealizada, um mundo de fantasia compartilhado que flutua ao redor do globo para os diversos microchips que conectam cada engrenagem individual à máquina social.

Ser *tele*, dissolver a distância é a negação da experiência de espaço que permite a experiência da própria individualidade. O humano é espiritualizado, transmutado em energia eletromagnética voando à velocidade da luz, estando assim instantaneamente em qualquer parte da terra e tendo acesso a qualquer parte do todo. A tela inserida no próprio olho materializa o desejo alquímico de que o vaso fosse um equivalente do mundo e seu olhar fosse como o olhar divino circunambulando toda a realidade a partir de fora, simulando materialmente a visão *sub specie aeternitatis*. Essa é a versão profana da onisciência, onipotência e onipresença, a materialização dos predicados que caracterizam a imagem de deus.

Seria esse o final da travessia pelo século XXI? Terminará esse século com um arrebatamento invertido na forma do corpo imortal do homem-máquina? Será que o arrebatamento, ao invés de nos unir ao universal divino, ao invés de nos mergulhar no sentimento oceânico espiritual, nos imergirá todos em ondas eletro-orgâsmicas de voyeurismo virtual? Será que atravessaremos nosso século como

máquinas desejantes que gozam imergindo em tecno-imagens que simulam a dissolução da oposição lógica entre o imaginário e o real? Terminaremos imersos em mundo tecno-imaginal? Se for, então a travessia pelo século XXI será urobórica, com o final da era de peixes nos levando de volta ao seu começo, ao tempo em que o mental e o material eram um só e o individual era uma gota em um oceano de consciência coletiva. A ciência instrumental, a versão material do logos que dissociou a mente e a matéria, religará os opostos de maneira literal, materializando a mente enquanto desmaterializa a matéria em uma internet de coisas, de máquinas ao redor do globo que se moverão de acordo com o pensamento neurolinkado. Peter Sloterdijk lembra que a essência da magia é a teleatividade. Agir magicamente é agir à distância sobre um objeto e é exatamente isso que a tecnologia faz cada vez mais.⁷ Não rememorado simbolicamente, o passado é atuado literalmente e, ao possibilitar que os pensamentos fluam no ar como ondas de energia, a ciência nos mostrará que no fundo é tecno-magia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENTREVISTA exclusiva Zygmunt Bauman. Brasil: Youtube, 2011. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais Npec. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- Giegerich, W. The world wide web from the point of view of the soul's logical life. In: GIEGERICH, W. **Technology and the soul: from the nuclear bomb to the world wide web**. New Orleans: Spring Journal Books, 2007. p. 309-331.
- Han, B. C. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Jung, C. G. **AION** – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. OC, vol IX/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- Paasonen, S. **Carnal resonance: affect and online pornography**. Cambridge: MIT Press, 2024.
- Taylor, C. **As Fontes do Self** – a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

Psicoterapeuta Junguiano. Tradutor do livro *Vida Lógica da Alma*. Autor dos livros *Psicologia Dialética*, *Culto da Tecno-Imagem* e de outras publicações sobre psicologia junguiana.

E-mail: dantasandre2015@gmail.com